

PRESENÇA E ABORDAGEM DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA DRAMATURGIA BRASILEIRA

PRESENCE AND APPROACH OF PEOPLE WITH DISABILITIES IN BRAZILIAN DRAMATURGY

Emerson de Paula

emersondepaula@unifap.br

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Resumo

Este ensaio, oriundo do estágio pós doutoral realizado no Programa de Pós – Graduação em Artes da Cena na UNICAMP, busca apresentar o estado da arte referente a relação da Acessibilidade Cultural no Teatro, com foco num primeiro mapeamento de uma produção dramaturgica brasileira que apresente entre suas personagens, Pessoas com Deficiência, abordando diversas visões de autoras/autores, sobre essas Pessoas e esse tema, em seus múltiplos contextos temporais.

Palavras-chave: Deficiência, Dramaturgia, Acessibilidade Cultural.

Abstract

This essay, arising from the post-doctoral internship carried out in the Post-Graduation Program in Performing Arts at UNICAMP, seeks to present the state of the art regarding the relationship of Cultural Accessibility in Theater, focusing on a first mapping of a Brazilian dramaturgical production that present among its characters, People with Disabilities, addressing different views of authors, about these People and this topic, in their multiple temporal contexts.

Keywords: Disability, Dramaturgy, Cultural Accessibility.

De que lugar eu falo

As diferentes relações com formas diversas do fazer teatral sempre permearam minhas investigações de pesquisa nas Artes da Cena. A questão da presença das personagens negras na dramaturgia brasileira levou-me a investigar, a nível de Mestrado no Programa de Artes da Cena na UNICAMP, a dramaturgia criada pelo Teatro Experimental do Negro no Brasil, reflexão essa já publicada em livro (O Texto do Negro ou o Negro no Texto) pela Editora Stricto Sensu (2021) e Editora e-Manuscrito (2022). Após este percurso, a ampliação dos trabalhos sobre a potência da textualidade, levou-me ao Doutorado em Estudos Literários na UNESP cuja tese foi publicada em livro pela Editora CRV, intitulado, O Corpo como Texto: Clara Nunes e a Performance da Fé (2021).

Esta abertura sobre outras possibilidades discursivas levou-me também a pesquisar sobre o fazer teatral com/para/a partir das Pessoas com Deficiência, proporcionando um aprofundamento na temática ao cursar a Especialização em Acessibilidade Cultural na UFRJ. O fazer teatral é uma das diversas linguagens em que o corpo se comunica, sendo o local da diversidade/pluralidade em sua essência. Pensar as Pessoas com Deficiência (PcD) neste campo não é uma ação apenas de inclusão, mas de direitos.

Assim, pretendo pensar aqui como a dramaturgia brasileira tem inserido as PcD's em suas produções localizando peças teatrais que têm Pessoas com Deficiência como personagens analisando alguns pontos: como estas personagens estão inseridas no contexto das relações sociais apresentadas nas peças; como a Deficiência é pensada no texto teatral (estereótipo, algo asqueroso ou como castigo); como estas personagens surgiram na dramaturgia brasileira histórica e como estão aparecendo em peças contemporâneas.

Meu lugar de fala é de uma Pessoa sem Deficiência, mas que entende que, enquanto artista da cena, precisa contribuir com um coro já existente de vozes que estão reverberando um discurso ainda invisibilizado e/ou silenciado.

Acessibilidade Cultural e o Teatro

Por Acessibilidade Cultural, temos entendido que o conceito se refere à inclusão de Pessoas com Deficiência em espaços, ações e eventos culturais, tendo acesso ao conteúdo, proposta e estética, que se estabelecem nestes espaços, seja como Artista ou plateia, bem como a promoção do Artista que possui alguma Deficiência para além de uma ação de superação e sim de sua promoção. Este conceito, registrado em produções por mim organizadas em conjunto (Acessibilidade Cultural no Amapá – Volumes 1(2021) e 2 (2022) – Editora e-Manuscrito), procura não só falar da acessibilidade no equipamento cultural/espço teatral, mas também na cena apresentada ao público e quem a realiza.

Nesta perspectiva, vamos ao encontro de três direções de reflexão. De um lado temos a presença da acessibilidade física nos espaços em que o fazer teatral acontece e que promove o acesso de PcD's, em sua multiplicidade, ao local promovendo ações de formação de plateia e processos de recepção teatral. Do outro lado, temos os recursos de tecnologia assistiva como braile, legendagem, Libras, audiodescrição, entre outros, que, oriundos das políticas públicas de Saúde,

Educação e Assistência Social, passam a fazer parte da área da Cultura, estabelecendo então a abertura de um processo inclusivo junto a mesma. Em outra direção, temos a cena teatral em si, que pode comportar todas estas ajudas técnicas de comunicação com/para PcD's dentro de sua proposta cênica, nos levando a refletir sobre a Deficiência como construção estética possibilitando ainda que tais recursos constituam a cena podendo ser considerados como tecnologias assistivas em cena e/ou tecnologias cênicas.

Entretanto, dialogando com todos estes caminhos e seus trânsitos, busquemos agora pensar na presença de PcD's nas Artes da Cena, em específico no Teatro, mas a partir da dramaturgia. A presença de personagens com Deficiência promove um movimento de reflexão não só na prática artística, mas na prática pedagógica em Teatro, estabelecendo a obrigatoriedade de reformulação, por exemplo, dos cursos de Artes Cênicas no Brasil. Artistas com Deficiência e sua produção teatral precisam ser estudados em disciplinas que abordam a História do Teatro e da Encenação bem como nas disciplinas de Teatro-Educação, estabelecendo a Acessibilidade Cultural como metodologia para a área em questão.

As Pessoas com Deficiência são presentes nos mais diversos cursos universitários, mas com a promulgação efetiva das cotas específicas a este público em 2016, o número de PcD's nas instituições de Ensino Superior têm se ampliado. E a presença deste público junto aos cursos de Teatro têm se tornado algo constante e extremamente significativo.

Em outras produções acadêmicas, tenho refletido que, para além do direito, estas pessoas, dentro dos cursos de Teatro, oportunizam e mobilizam saberes que descolonizam olhares, questionando o próprio fazer teatral calcado como uma arte do corpo em cena, onde a boa performance corporal precisa ser aquela que apresente uma grande destreza de voz e movimento, que se supere em altos desempenhos a partir de olhares padronizados em estéticas que se pautam em capacidades corporais que estabelecem padrões normativos e não possibilidades de propostas. Este público nos faz rever, por exemplo, como a dramaturgia tem pensado as PcD's em suas produções uma vez que sua presença num curso promotor de uma formação artística já estabelece a ampliação do olhar para a sua existência nos contextos ficcionais nos provocando a identificar a presença de personagens PcD's e os processos de construção da imagem delas em diferentes textos, contextos e épocas.

Assim, busco, neste primeiro momento, catalogar e analisar a presença de personagens/Pessoas com Deficiência na dramaturgia brasileira em diferentes momentos e produções, a fim de contribuir com os estudos sobre Teatro e Acessibilidade Cultural, refletindo sobre o texto dramático como documento histórico e memorial. Procuo entender a construção dramática de personagens que possuem alguma deficiência, estabelecendo os parâmetros que envolvem esta construção com a concepção histórica do conceito de Deficiência e as diferenças existentes entre a dramaturgia mais histórica e a mais atual, averiguando se na contemporaneidade a produção dramática se apresenta menos intolerante e preconceituosa ao abordar o tema.

As dramaturgias escolhidas para esta pesquisa refletem diferentes contextos e movimentos teatrais do Brasil. As peças selecionadas em minha pesquisa são:

- Além do Rio – Agostinho Olavo
- Apocalipse 1,11 – Fernando Bonassi
- Fluxograma – Jô Bilac
- Maria do Caritó – Newton Moreno
- O grande amor de nossas vidas – Consuelo de Castro
- Jorginho, o machão – Leilah Assumpção
- O dia perdido – Larissa de Oliveira Neves
- Roda de samba – Plínio Marcos
- Encontro – João do Rio
- Halloween – Nery Gomide
- A mulher sem pecado/Anjo negro/Senhora dos afogados/Perdoa-me por me traíres/A falecida /Álbum de família – Nelson Rodrigues

De forma geral, as dramaturgias selecionadas, apresentam uma concepção sobre o corpo com Deficiência e o que é determinado a ele. A partir deste contexto, as obras podem ser classificadas a partir de aspectos como:

- 1 – Personagens que já são Pessoas com Deficiência;
- 2 – Personagens que se tornam Pessoas com Deficiência;
- 3 – Relações sobre a Deficiência e condição humana: castigo x potencialidade;

A presença de personagens que são Pessoas com Deficiência nos textos teatrais é necessária e propulsora do estabelecimento da Acessibilidade Cultural promovendo novas epistemologias ao

Teatro enquanto espaço de criação/fruição. E tão importante quanto pesquisar a existência ou não dessas personagens, é analisar como elas são retratadas.

Este ensaio é a possibilidade de problematizar, pela criação e/ou fruição cênicas, esta rede de relações que constituem a Pessoa, em seu sentido geral, em favor do permanente processo de reinvenção humana, assumindo o caráter político do Teatro como a arte do encontro a partir de suas narrativas.

Dramaturgia: Registro do tempo e do discurso

Refletir sobre as questões importantes vigentes em cada época sempre foi foco do fazer teatral. Avançar no tempo, provocar questionamentos e propagar ideias libertárias também. A dramaturgia, que se configura como um estilo literário, é um elemento de relação com o mundo, ocupando um lugar significativo no campo das Artes da Cena por entendermos que esta linguagem apresenta também ser um registro escrito não efêmero que contribui para a compreensão de diversos fatores da vida humana, seja da arte, seja da sociedade.

O Teatro está ligado ao nosso conhecimento sobre nós mesmos, sobre o que nos cerca e como este pode funcionar como instrumento de reflexão do meio. Durante o Mestrado com foco na dramaturgia brasileira, ponderei que esta relação anteriormente citada, é foco presente no trabalho do/da dramaturgo/a, cuja função é criar um texto a partir de ações que instiguem, no receptor, processos de compreensão do seu tempo. A dramaturgia é um elemento capaz de produzir conceitos acerca de identidades e essas relações – existentes no texto teatral – merecem análise para que possamos entender processos narrativos que tenham um caráter não só ficcional em relação a uma memória histórica, mas que também sejam capazes de apresentar processos identitários oriundos dessa potencialidade ficcional.

Trago neste ensaio a reflexão de dramaturgia em seu sentido considerado original e clássico do termo, tal qual explorado por pesquisadores do Teatro como o inglês Patrice Pavis (1999), que em uma de suas obras mais difundidas, o *Dicionário de Teatro*, a define como uma técnica da arte dramática que, a partir de um conjunto de regras, cria caminhos para uma escrita textual e cênica que tem como foco ser encenada e se transformar em um espetáculo. Portanto, é no aspecto do texto enquanto grafia e suporte do registro de ideias que nos focamos.

Na contemporaneidade, temos uma ampliação do conceito de dramaturgia, que não perde seu lugar de ser um texto/roteiro, mas que encontrou outros suportes de registro como por exemplo, o corpo, numa construção de enredo em que a escrita é registrada por imagens e o corpo é um texto. Mas, partindo do processo de registro gráfico de ideias num documento físico que dialoga com seu tempo e se torna um documento histórico de um recorte social mesmo que partindo do ato ficcional, nos concentramos nos textos dramaturgicos e nas dramaturgas e dramaturgos que os criaram para entendermos o contexto em que sua produção foi feita, a materialização e perpetuação de uma visão de mundo que é veiculada e pode ser lida enquanto narrativa que é, para além da sua provável montagem. O texto teatral é um texto literário que estabelece num imaginário social, visões de mundo que distorce, amplia ou suprime a realidade, mas que sempre discorre, mesmo que por escolha do ponto de vista de quem o produz, sobre ela.

Mesmo passando por crises e transformações, essa literatura voltada para o palco, se adequa ao tempo do fazer teatral e seus diferentes movimentos sempre mantendo a interação entre texto e cena. Assim, analisar diferentes formas de escrita do Teatro moderno e contemporâneo brasileiro é não só entender diversos contextos históricos, mas principalmente entender o percurso político dos discursos sociais de um país.

A dramaturga Adélia Carvalho, em sua tese sobre material criativo para o ensino de dramaturgia, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2021), nos contextualiza que desde 1970 há vários entendimentos sobre o texto teatral, tendo este, transitado entre textos de contestação, de caráter coletivo, adaptações, criações autorais produzidas por encenadores, mas sem perder a compreensão da escrita para o Teatro e sua função mesmo oportunizando novas formas do seu fazer. Ainda para a pesquisadora, a dramaturgia sofre mudanças, suas fronteiras se alastram, seu espaço e processo de existir são modificados, mas sua essência enquanto uma escrita de si, onde quem escreve parte do diálogo do seu olhar com a visão social do ambiente em que se insere, ainda prevalece.

Estado da Arte das Personagens com Deficiência na Dramaturgia Brasileira

As dramaturgias aqui elencadas não seguirão uma ordem cronológica de sua produção, mas transitam entre o que chamamos de Teatro Moderno e Contemporâneo. Neste momento,

abordarei apenas parte dos textos anteriormente elencados no intuito de iniciar uma aproximação reflexiva com leitoras e leitores sobre a temática.

A peça *Apocalipse 1,11* de Fernando Bonassi faz parte de uma trilogia bíblica montada pelo grupo Teatro da Vertigem (SP). A peça, baseada em passagens bíblicas entrecruzadas com as mazelas sociais brasileiras desfila um rol de pessoas consideradas à margem como prostitutas, travestis, negros, nordestinos em diálogo com espacialidades (de poder?) como prostíbulos, manicômios, igrejas evangélicas, prisões. O texto apresenta a personagem *Talidomida do Brasil*, que é uma mulher cadeirante e que, em suas cenas, tenta propagar a todo momento pontos cruciais da Constituição Brasileira reforçando que a República Federativa do Brasil deve exercer o poder na promoção e manutenção da soberania a todas as pessoas. A personagem a todo momento em que aparece não consegue terminar sua fala, não tem autonomia em sua condução, pois é colocada/tirada de cena por outras personagens chegando a ser hostilizada em público, violentada, deixando a todo momento em que surge e que repete sua mesma fala sobre direitos constitucionais que não quer mais continuar a falar sobre o assunto, não aguenta mais repetir que também é pessoa digna de direitos sociais.

Importante destacar que o nome da personagem refere-se ao medicamento Talidomida indicado somente para tratamento das doenças previstas nos protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas do Ministério da Saúde, as quais são: o eritema nodoso hansênico, lúpus eritematoso, úlceras aftoides em pacientes portadores de HIV-Aids, doença do enxerto contra hospedeiro, mieloma múltiplo e síndrome mielodisplásica (Ministério da Saúde, 2023). Muitas mulheres grávidas fizeram uso do medicamento, introduzido em 1950 no Brasil, para combater os sintomas de enjôo gestacional. Mas seu uso, ocasionou o nascimento de bebês com más formações em membros como pernas e braços. Após estudos e constatações, o medicamento fora retirado de circulação, mas voltando a ser inserido no Brasil em 1965 como tratamento das lesões da pele, uma das complicações da hanseníase. Cientistas classificam o acontecimento como a “tragédia da talidomida no Brasil” por entenderem que se trata/tratou de um problema público de regulação de medicamentos considerando que há vítimas deste processo e quais os direitos que elas possuem após o acontecimento.

A presença desta personagem, que com esta contextualização já nasce com a deficiência, nos mostra de um lado a falta de política pública, com ênfase à Saúde e ao Social à PcD's, o

silenciamento imposto a estas pessoas não sendo ouvido seus discursos e a manipulação de seus corpos, não promovendo autonomia, demonstrando que é um corpo que pode ser controlado/movimentado/pesquisado/violentado. A personagem é mais uma dentre as várias presentes no texto e aparece sempre reivindicando fala e é julgada mesmo nunca conseguindo terminar seu discurso que a todo momento, evoca seu direito de existir. A personagem é mais uma representação de pessoas marginalizadas desde a colonização do Brasil, questão esta também abordada pela dramaturgia.

O período de colonização brasileira, imputou a Pessoas Negras e Indígenas escravizadas, um processo de subordinação. Se estas pessoas, além de seus pertencimentos raciais também apresentassem alguma deficiência, passavam a um outro processo: a inexistência.

Nesta linha de raciocínio, em outro contexto, nos encontramos com o texto *Além do Rio* de Agostinho Olavo, texto integrante da obra *Dramas para Negros Prólogo para Brancos* (1961), organizada por Abdias Nascimento, fundador do TEN – Teatro Experimental do Negro em 1944 no Rio de Janeiro.

Conforme já publicado por mim na obra *O Texto do Negro ou O Negro no Texto* (2021) , Abdias Nascimento, analisando a personagem negra em textos nacionais e motivado pela mesma visão do dramaturgo estadunidense Eugene O’Neill no que tange à lacuna de peças com importantes personagens negras, encampa um movimento para um Teatro Negro brasileiro e de dramaturgos no país atentos à questão, promovendo outra contribuição do TEN à história do nosso Teatro: a criação de uma dramaturgia onde o negro não estivesse mais na periferia do texto, sendo agora a parte central da ação, trazendo consigo todos os dilemas e questões de sua identidade e memória, mas não se fixando na relação negro escravo versus negro liberto.

Partindo então da importância do texto e do que está implícito no discurso do mesmo, a referida obra conta com trabalhos de vários autores, procurando com a publicação apresentar peças teatrais em que houvesse personagens complexas e bem construídas para que artistas negros/negras pudessem interpretar. Um dos autores que fazem parte desta coletânea de textos é Nelson Rodrigues com a peça *Anjo Negro*, a qual irei posteriormente irei abordar.

Sobre a peça *Além do Rio*, Adélia Carvalho em sua dissertação de Mestrado (2013) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (UFMG), nos informa sobre o enredo da peça que a mesma é uma reescritura brasileira do texto grego *Medea* de Eurípedes ambientada no

Brasil Colonial, retratando a estrutura trágica numa perspectiva afro-brasileira, apresentando inclusive a manutenção de nomes da obra original como Creonte e Jasão. Todo o enredo relaciona-se a questão racial, mas enfocaremos a presença de uma personagem de nome *Batista*, chamado de Mudo em todo texto.

Entende-se que a personagem é surda pois se comunica através de gestos, muitas vezes sinalizados como uma possível mímica de uma situação. Sem enredo na trama, *Batista* é considerado alguém sempre a serviço de alguém para algo e, por associação de falas das personagens, vamos entendendo que ele é servidor de *Jasão* e que se gesticula muito, sendo seu corpo como um todo, seu canal comunicador. As rubricas indicam que ele é jocoso, sem posses e mestiço, o que nos leva a vários graus de inferioridade destinadas a personagem que ecoam as imposições sociais estabelecidas durante o processo de colonização brasileira. É considerado um indivíduo tolo para alguns, esperto para outros, mas que faz tudo por dinheiro.

As aparições da personagem na peça estão sempre associadas ao seu uso como servo, como alguém capaz inclusive de fazer ações não lícitas uma vez que, a própria personagem, conforme sua forma de comunicação gestual, estabelece que fará o que lhe é pedido se obtiver retorno financeiro.

A peça demonstra o entendimento de que uma pessoa surda não fala, embora, muitas vezes, alguns trechos insinuam que *Batista*, finge sua Deficiência, o que reforça a ideia de que Deficiência é incapacidade, é não possibilidade de realização de atividades ou produção de conhecimento. A real é que a personagem ecoa sua não inserção social, o descrédito atrelado à Pessoa com Deficiência e sua necessidade de sobrevivência por falta de um emprego fixo e digno. *Batista* também é a personagem engraçada, que promove estripulias e dança e faz a alegria dos momentos de confraternização com sua gesticulação, nos remetendo a um percurso histórico da imagem das Pessoas como Deficiência, usadas como entretenimento nos salões da Monarquia ou nos *Freak Shows* que povoou em muito a América do Norte.

A todo momento ele não é referido pelo seu nome. Só conhecemos sua identificação praticamente pela descrição da personagem no texto. Mudo e Mudinho são as denominações que a personagem recebe e como é identificada reforçando a todo momento entre as personagens, e conseqüentemente para o leitor/público, a abordagem pejorativa de que a Pessoa não é vista, sendo apenas ressaltada sua Deficiência. *Batista* é uma personagem sem destino, sem história, que pode muito bem passar despercebida num primeiro olhar, mas, suas poucas aparições, atreladas

a momentos importantes do contexto dramático, ecoam a interseccionalidade de corpos considerados à margem: além de negro, *Batista* “não fala”, ou seja, é surdo. E por fazer tudo por dinheiro, o que se demonstra fortemente como uma ação pessoal de inclusão social e principalmente de sobrevivência, lhe confere muitas vezes participar de situações de risco e como tal de desconfiança pois ninguém, na trama, acredita em quem não fala.

A abordagem da Deficiência nesta dramaturgia fica aquém da discussão racial, foco maior da peça. Mas ela reflete, o que Lilia Ferreira Lobo (2008) em sua obra *Os infames da história* diz sobre as pessoas pobres, escravizadas e com deficiência no Brasil: vidas não consideradas relevantes, sem importância histórica, vigiadas e punidas. E a ampliação do preconceito quanto a intersecção de camadas: *Batista* é negro e Pessoa com Deficiência.

A abordagem racial em consonância com a Deficiência, encontra em outra dramaturgia, presente também na obra organizada por Abdias Nascimento, um ápice. Um dos autores que fazem parte desta coletânea de textos é Nelson Rodrigues com a peça *Anjo Negro*.

Conforme também já registrado por mim em outras publicações, Nelson marca o momento de fundação do moderno Teatro brasileiro ao realizar, em sua dramaturgia, um mergulho nas relações humanas, no inconsciente humano. Escrita em 1946, a peça *Anjo Negro* integra a obra editada por Abdias pelo motivo racial que fundamenta a construção do texto e que norteia o mesmo, sendo que o protagonista negro, constitui uma personagem complexa, um indivíduo trágico angustiado e não um tipo ou um estereótipo. A dicotomia branco e negro, bem e mal, é diluída nesta peça na oposição entre as personagens e na relação que elas constituem entre si, desconstruindo os signos negro e branco. A proposta de cenário, figurino e luz traz o significado ampliado destes signos e suas relações com o espectador. A peça apresenta em vários momentos o negro em situações que relembram um passado histórico, mas se apresenta como um importante instrumento de análise do deslocamento da personagem negra no texto dramático ao longo do tempo, por principalmente apresentar como protagonista um negro com um papel denso, sendo uma personagem protagonista para a projeção do ator negro, mesmo com toda a discussão que este texto suscita no que tange o racismo.

Reverendo como esta dramaturgia pensou as PcD, encontramos a presença da deficiência visual na obra *Anjo Negro* (1946) em que *Ismael* (homem negro), protagonista da história, cega seu irmão de criação, *Elias* (homem branco), reforçando um conflito em que o racismo, imposto

pela sociedade, utiliza a Deficiência como uma ação de punição e única saída para a resolução de um conflito estrutural.

Na obra, a descrição de *Elias* na rubrica o coloca como um andarilho e maltrapilho sendo a todo momento, enfatizada sua questão de Pessoa com Deficiência visual, levando inclusive a questionamentos pelas demais personagens de como o mesmo consegue se deslocar ou ter percepções de situações e espaços, mesmo sendo cego. *Elias* é irmão de criação de *Ismael*, que vai morar com o mesmo e sua mãe, após o falecimento de seu pai, também homem branco. *Elias* é fruto de um relacionamento interracial e esta é a camada primeira que se apresenta para que *Ismael*, vítima de um racismo introjetado e imposto, cegue o meio irmão, ainda criança, trocando os remédios que o mesmo utilizava para curar uma enfermidade. *Elias* não verá o mundo e não colocará *Ismael*, de frente constantemente ao espelho do racismo estrutural, pautado, entre tantos pontos, na tonalidade da pele.

Elias, depois de anos, vai em busca do reencontro com *Ismael*, após falecimento de sua mãe, mãe esta renegada pelo filho negro. No confronto deste encontro temos, entre tantas revelações e reviravoltas, típico do texto trágico, o encontro de *Elias* com *Virgínia*, mulher branca casada com *Ismael*, cujo relacionamento é fruto de um estupro orquestrado pela própria tia da personagem, como punição por esta ter se relacionado com o noivo de uma de suas filhas que permaneceram virgem por toda a vida. *Virgínia* reproduz toda a violência da branquitude para com a população negra potencializada no assassinato de seus próprios filhos, recém-nascidos, com *Ismael*, todos negros. *Virgínia* e *Ismael* vivem presos numa grande residência de muros altos que pode ser entendida como um mausoléu onde só vêem o que ali está e nada além dos muros de forma que a luz solar não é algo presente.

Embora a intenção de Nelson, com a dicotomia de tons (claro/escuro, preto/branco) seja reforçar a dicotomia racial e os conflitos estabelecidos a partir desta, entendemos como esta escolha dramaturgica também reflete o ato de ver e não ver, de que a cegueira é um problema, é um apagamento de possibilidades. E é esta camada que evidenciamos nesta tragédia que, a princípio, é uma temática paralela aos episódios trágicos e que reforça a ideia de que a Deficiência é um castigo, principalmente quando esta passa a fazer parte da vida da pessoa.

Elias acaba se relacionando com *Virgínia* que celebra o encontro de se relacionar

finalmente com um homem branco e que não vê ou seja: não vê o tempo do amadurecimento em seu corpo de mulher, não vê as marcas de sofrimento em seu existir. *Virgínia* ainda potencializa algo perpetuado como a pureza da PcD por ser alguém que não possui sexualidade pois é um ser não desejado, virgem. Então, transar com *Elias* é se tornar pura e como tal, gerar uma criança branca que, conseqüentemente, será uma afronta a *Ismael* e que não será morta pela mãe. Todos estes fatos são permeados por falas racistas que “justificam” a ação das personagens mas abordam camadas intensas do preconceito para com as Pessoas com Deficiência.

Elias pode ser entendido ainda como um Tirésias, o famoso profeta de Tebas, personagem presente das tragédias gregas que ao chegar revela segredos, anuncia o futuro e que ficou cego por isso. A personagem, mesmo sem enxergar, faz com que todas as personagens vejam o que estava escondido no passado das mesmas e o que o futuro aguarda a partir disso. Não é em vão que, após descoberta da triação de *Virgínia* com o mesmo, *Ismael* o mata com um tiro no rosto. Relembro que, durante todas as cenas em que *Elias* está presente, há uma profusão de ações contra o mesmo potencializada por sua condição de não enxergar ignorando seus outros canais do sentido e como tal, de absorção de conhecimento e percepção espacial.

Numa mirada trágica, *Virgínia* gera uma filha branca que é amada por *Ismael* de uma forma ambígua, ora como filha, ora como mulher mas que também perde a visão após *Ismael* pingar ácido em seus olhos, numa tentativa de fazer com que a mesma nunca saiba que ele é negro. Aqui, Nelson explora a Deficiência adquirida como um processo de salvação para *Ismael*, uma vez que a personagem finalmente receberá a aprovação, o amor e o respeito de uma mulher branca, cega, em paralelo ao seu apagamento identitário.

As reviravoltas intensas do texto reforçam sua estrutura trágica tendo como mote central o racismo estrutural potencializado em estereótipos e arquétipos sociais projetados por um imaginário social colonizador.

Entretanto, o que procuro aqui refletir é esta camada da presença da Deficiência visual neste texto que demonstra ora punição, ora redenção mas nunca respeito, inclusão e diversidade. Refletir este texto, potencializando a questão da visualidade interseccionando racismo e deficiência nos traz um aprofundamento das relações sociais impostas a grupos que, mesmo em

porcentagem numérica significativa, é minoritário representativamente nos espaços sociais a nível de fala, sendo alvo constante de silenciamento e principalmente, apagamento, no sentido amplo dessa palavra.

A presença de *Anjo Negro* na antologia produzida por Abdias, teve a intenção de contar com a presença de um dramaturgo considerado importante, principalmente à época, mesmo sendo branco, na busca de que, a questão racial precisa ser discutida e refletida por todas e todos.

Alberto Guzik no capítulo sobre a dramaturgia moderna no livro *História do Teatro Brasileiro* Volume 2 (2013), sob direção de João Roberto Faria, considera Nelson Rodrigues o autor que mais desenhou no Brasil, um retrato da condição humana, em específico a condição humana carioca. Para o pesquisador, o dramaturgo mostrou as camadas da sociedade que, dentro do seio familiar, revela seus crimes, ambiguidades, preconceitos e desejos de toda espécie. Este é o maior foco de análise da sua obra e que vai ao encontro da defesa de sua presença na obra *Drama para Negros e Prólogo para Brancos*. Nelson então, segundo pesquisadores de sua obra, desnuda e escancara a humanidade colocando em cena “a vida como ela é”.

Se seguirmos essa lógica, vamos conceber como também de forma estrutural a presença da Deficiência na peça *Anjo Negro*, utilizada principalmente como ação de reforço ao racismo estrutural mas sem atenção a sua especificidade com e para além da temática.

Talvez por este viés em retratar a vida e seus complexo processo que Nelson seja um dos autores que mais apresenta Pessoas com Deficiência em suas obras. Localizamos outras personagens com esta identidade ainda nos seguintes textos:

- A mulher sem pecado
- Senhora dos afogados
- Perdoa-me por me traíres
- A falecida
- Álbum de família

Mas a análise destes textos ainda encontrarão outros momentos de socialização da

reflexão até mesmo para entendermos o autor como um parâmetro temporal e comparativo sobre as PcD's.

Deficiência em Cena: A questão na contemporaneidade

Na atualidade, nos deparamos com outros registros dramatúrgicos em que não só temos espetáculos acessibilizados em cena com recursos de tecnologias assistivas mas a presença de atrizes e atores com Deficiência, atuando ainda como criadoras/es de suas próprias dramaturgias nos levando inclusive a pensar que a questão autobiográfica nessas/dessas narrativas, é algo recorrente. O que faz com que ainda pensemos sobre a presença de PcD's no texto teatral: sua presença na contemporaneidade ainda é difusa, inexistente ou presente apenas em dramaturgias escritas/produzidas por PcD's?

Mudar as nossas lentes de visão de realidade é trazer realidades outras para nossas produções e criações buscando perspectivas inclusivas a partir do lugar que estamos, que habitamos e que somos.

O Teatro é lugar da imagem uma vez que o texto é imagem. A ficção tem a possibilidade de recriar a temporalidade e recontar histórias. Na dramaturgia, a Deficiência tem que ser vista como epistemologia que propõe outras imagens produzindo imagens críticas de nós mesmos.

O Texto dramático é um documento histórico e deve ser visto como um lugar crítico a partir das cenas e estéticas que produz, num movimento constante de crítica a nós mesmos.

Atravessamentos conceituais:

BONASSI, Fernando. Apocalipse 1,11. Em NESTROVSKI, Arthur (org). **Trilogia bíblica**. São Paulo: Publifolha, 2002.

CARVALHO, Adélia Aparecida da Silva Carvalho. **Teatro Negro: uma poética das encruzilhadas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras. Belo Horizonte: 135 p., 2013.

CARVALHO, Adélia Aparecida da Silva Carvalho. **Casas dramatúrgicas: material criativo para ensino de dramaturgia**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Belas Artes. Belo Horizonte: 239 p., 2021.

FARIA, João Roberto. (Dir.). **História do Teatro Brasileiro volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc, 2013.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008

NASCIMENTO, Abdias. (org.). **Dramas para Negros e Prólogo para Brancos**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

OLAVO, Agostinho. Além do rio. In: NASCIMENTO, Abdias do. **Dramas para negros e prólogo para brancos: antologia do teatro brasileiro**. Rio de Janeiro: TEN, 1961.

PAULA, Emerson de; FONSECA, José Flávio Gonçalves da Fonseca (Orgs.). **Acessibilidade Cultural no Amapá**. Vol. 1. São Paulo: e-Manuscrito, 2021.

PAULA, Emerson de; FONSECA, José Flávio Gonçalves da Fonseca; PELAES, Márcia (Orgs.). **Acessibilidade Cultural no Amapá**. Vol. 2. São Paulo: e-Manuscrito, 2022.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo, Perspectiva, 1999.

PAULA, Emerson de. **O Texto do Negro ou o Negro no Texto**. Rio Branco: Stricto Sensus Editora, 2021. Disponível em: [O-TEXTO-DO-NEGRO-OU-O-NEGRO-NO-TEXTO.pdf](https://www.strictosensus.com.br/O-TEXTO-DO-NEGRO-OU-O-NEGRO-NO-TEXTO.pdf) (sseditora.com.br)

RODRIGUES, Nelson. Anjo Negro. In: NASCIMENTO, Abdias do. **Dramas para negros e prólogo para brancos: antologia do teatro brasileiro**. Rio de Janeiro: TEN, 1961.

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hanseniose/talidomida>

Artigo submetido em 10/12/2023, e aceito em 31/01/2024.